



Primeiros ventos olímpicos em terras tupiniquins

Victor Andrade de Melo

Fabio de Faria Peres

resumo

Este artigo objetiva discutir as primeiras vinculações estabelecidas com os Jogos Olímpicos no Brasil. Inicialmente, analisamos os diversos usos do termo no Rio de Janeiro do século XIX. Posteriormente, debatemos as mudanças ocasionadas em função da maior participação de atletas brasileiros em contendas internacionais, inclusive em virtude da conquista das pioneiras medalhas olímpicas. Por fim, nos debruçamos sobre a promoção de uma importante competição no país (1922), procurando extrair breves reflexões sobre a organização desses eventos.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; nação; história do esporte.

abstract

This article aims to discuss the first connections with the Olympic Games in Brazil. First, it analyzes the varied uses of the term in Rio de Janeiro during the nineteenth century. Then, it examines the changes brought about by the increasing participation of Brazilian athletes in international competitions, and also by the capture of the first Olympic medals. Finally, it analyzes an important competition held in the country in 1922, trying to draw some reflections on the promotion of those events.

Keywords: *Olympic Games; nation; sport history.*

Depois de uma série de iniciativas – boa parte delas marcadas por certa tensão –, inclusive a realização de um importante congresso, em 1894, e a criação do Comitê Olímpico Internacional (COI), em 1895, finalmente o barão Pierre de Coubertin conseguiu, em 1896, dar o primeiro passo de um projeto que vinha consolidando há alguns anos: promover com regularidade um evento esportivo que envolvesse o maior número possível de países, organizado a exemplo do que os gregos fizeram durante séculos na Antiguidade. Tal vinculação com o passado se explicitou, entre outros, no título da competição – Jogos Olímpicos – e no local da pioneira edição – Atenas.

Eram múltiplas as intencionalidades e inspirações do francês. Integrante de um grupo de lideranças que demonstrava preocupação e perplexidade com o que ocorria em certas cidades naquele *fin de siècle* e envolvido com iniciativas educacionais, inspirado no caso inglês, Coubertin passou a defender que o esporte era uma poderosa ferramenta para intervir na formação da juventude, uma estratégia para disciplinar e forjar corpos fortes e saudáveis, necessários para reverter os problemas sociais que se apresentavam, a fim de dar continuidade ao progresso (Weber, 1988). Vale lembrar que, na Grã-Bretanha, a influência da Grécia Antiga já se fazia sentir em vários

âmbitos (Cantarella, 1996), inclusive no que tange ao desenvolvimento esportivo.

Coubertin fez uma “interpretação” da Antiguidade Clássica, uma leitura que acabou por inventar novas tradições (Melo & Peres, 2007). Coerente com o ecletismo que caracterizava sua visão de mundo (Brown, 1996) e dialogando com os internacionalismos comuns no momento (Hoberman, 1995), concebeu os jogos como uma forma de celebrar a paz, devendo inclusive ser realizados por cidades, não por países.

Ainda assim não conseguiu fugir da nova organização política que paulatinamente se tornava preponderante, o Estado-Nação. Dependia das contribuições dos países para promover os eventos, para envio de delegações, para legitimar a proposta.

Coubertin rapidamente percebeu que precisava “conquistar” o maior número de países, inclusive de outros continentes que não o europeu, especialmente da América. Vale lembrar que a terceira edição dos Jogos Olímpicos foi realizada em Saint Louis (Estados Unidos), em 1904. As dificuldades encontradas nesse evento, que na verdade integrou

VICTOR ANDRADE DE MELO é professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e coordenador do Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer.

FABIO DE FARIA PERES é bolsista de pós-doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisador do Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer.

a programação de uma Exposição Internacional, apresentaram ao líder francês novos desafios para a execução de sua proposta.

De toda maneira, em maior ou menor grau, notícias do movimento foram se espalhando por diversas nações, chegando inclusive ao Brasil. Vejamos como em terras tupiniquins sopraram os primeiros ventos olímpicos.

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES¹

“Grécia. Os Jogos Olímpicos. Atenas. Começaram aqui os tradicionais Jogos Olímpicos, que despertam, como de costume, o maior interesse.”²

Há cerca de 120 anos, o *Jornal do Brasil* assim anunciou o início da primeira edição dos Jogos Olímpicos. A pequena nota não ia muito além disso, informando apenas que a família real (supostamente da Grécia) esteve presente na cerimônia de abertura e que foi considerável o número de estrangeiros que afluíram à “festa”³. Até o final dos jogos, foi similar o enfoque da imprensa fluminense – breves informes sobre o desenvolvimento do evento e citações a alguns atletas vitoriosos. Todavia, cerca de 15 dias após o encerramento, dois jornais publicaram uma matéria maior (o conteúdo era praticamente o mesmo), já estabelecendo uma associação entre esporte, nação e a ideia de internacionalismo⁴. Ainda que não fossem extensas e em grande número, percebe-se um tom celebratório nessas notícias.

O pouco destaque dado aos Jogos Olímpicos não significava que o termo fosse estranho aos leitores do Rio de Janeiro do século XIX. Diversos eram os seus usos – ora mais, ora menos abstratos e metafóricos. Na esfera política, por exemplo, em geral eram empregados com conotações que se re-

feriam a grandes feitos, frutos de alguma façanha, pleito ou disputa. O próprio processo que culminou na independência do Brasil foi caracterizado mais de uma vez como a “nossa Grande Olimpíada”⁵, o que não era nada banal tendo em conta que se tratava de uma jovem nação que buscava construir tradições e sentimentos comuns.

Outro campo que fazia alusão aos Jogos Olímpicos era decorrente da interseção entre medicina, educação e educação física. Nesse caso, o uso do termo se relacionava aos possíveis benefícios dos exercícios, notadamente da ginástica. O sentido mobilizado não se restringia ao corpo *tout court*, tampouco era esvaziado de uma dimensão política. Em geral, estava associado a projetos para o sistema educacional nacional (não exclusivamente escolar).

Em maior ou menor grau, tal olhar advinha de uma concepção de educação física que preconizava a articulação entre os domínios corporais, morais e intelectuais. Tratava-se de uma “utopia de educação integral” (Gondra, 2004), adequada à nação moderna e civilizada que se pretendia forjar (Melo & Peres, 2014).

A referência aos jogos ajudava a defender a legitimidade e a necessidade de institucionalização dos exercícios corporais ao dialogar com uma representação do modelo grego de educação, encarado como exemplo a ser seguido na busca da construção da ideia de harmonia, perfeição, saúde. Esse é o caso, por exemplo, do parecer da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, exarado, em 1832, pelo médico Luiz Vicente De-Simoni, a respeito de um texto que apresentava os benefícios da ginástica, de autoria de Guilherme Luiz Taube. No olhar do esculápio, os jogos eram um exemplo do bom uso das práticas corporais por parte dos gregos da Antiguidade. Essa interpretação, que articulava educação e saúde, tanto individual quanto social, tendo como pano de fundo a formação da nação, foi mobilizada mais de uma vez em seu parecer (Melo & Peres, 2014).

Vale destacar que, no final da década de 1830, passaram a circular, em alguns jornais da corte, matérias que defendiam a importância da ginástica e da educação física. As experiências da Grécia Antiga e dos Jogos Olímpicos eram

1 Uma pequena parte deste item foi publicada no *blog* “História(s) do Sport, uma iniciativa de difusão científica do Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer”. Disponível em: <https://historiadoesporte.wordpress.com>.

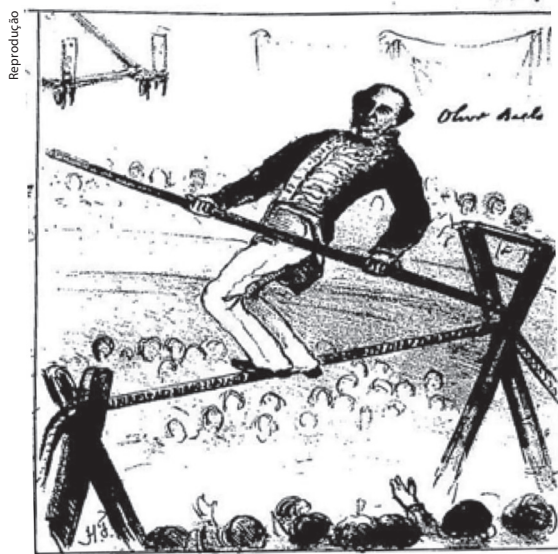
2 *Jornal do Brasil*, 6-7/abr./1896, p. 1.

3 Antes de 1896, foi noticiada em *O Paiz* (5/ago./1894) a realização do Congresso Internacional de Paris, promovido para discutir as bases da organização dos Jogos Olímpicos.

4 *Jornal do Brasil*, 2/mai./1896; *O Apostolo*, 10/mai./1896. O relato mais detalhado foi publicado na *Gazeta de Petrópolis* (20/mai./1896).

5 *Diário da Câmara dos Senadores do Império do Brasil*, sessão do dia 17/jul./1826, p. 440.

esgrimidas como inspirações a serem seguidas (Melo & Peres, 2014). Os principais responsáveis pela difusão do termo no Rio de Janeiro, contudo, foram os espetáculos de ginástica e acrobacia que, a partir da década de 1820, se tornaram usuais em teatros e circos da cidade. Companhias como a do Circo Olímpico, entre tantas outras, exibiam uma atração denominada “jogos olímpicos”, qualificação de um tipo específico de apresentação.



Ironia política tendo como mote o circo olímpico.
Fonte: *Semana Ilustrada*, 28/12/1862

A sedução e o encanto que tais ocasiões despertavam no público, ainda que não fossem suficientes para converter a plateia em praticantes, eram indícios de que se gestava uma nova sensibilidade ligada a certas habilidades corporais (como força, vigor, equilíbrio, energia). As referências aos jogos, nesse âmbito, estavam ligadas a um processo em que essas propriedades passavam a estar em primeiro plano e à construção de uma estética pautada no ímpeto muscular e na robustez.

Essa concepção também estava presente em outro campo que, a partir da segunda metade do século XIX, se configurou na cidade: o esporte. Nesse âmbito, contudo, o uso do termo da mesma forma dialogou com as conotações elaboradas a partir da articulação entre saúde e educação física, mesmo que as duas esferas (projetos educacionais e espetáculos circenses), ao menos nos discursos,

não fossem próximas e muito menos harmônicas entre si (Melo & Peres, 2015). Um exemplo é o Clube Olímpico Guanabareense, fundado em 1883, que promovia eventos dedicados às corridas a pé, além de ser um dos primeiros do país a organizar competições de bicicletas (Schetino, 2008).

A despeito de tanta veiculação do termo “jogos olímpicos”, os eventos realizados em Atenas (1896) e em Paris (1900) para a sociedade carioca não passaram de uma referência distante. Não era fortuita, portanto, a desconfiança (e mesmo certa resistência) de alguns cronistas da época aos discursos que cercavam tais ocasiões⁶.

De fato, as lideranças do COI tiveram que, como diria Bourdieu (1983), “lutar” pela “imposição da definição legítima” do que conceberam e esperavam ver prosperar. No Brasil, como em outros países, demoraria algum tempo para isso ocorrer⁷.

PRIMEIRAS MEDALHAS

Na primeira década do século XX, o uso do termo “jogos olímpicos” continuou bastante difuso. Permaneciam, de maneira mais tênue, as conotações originárias da política e da interseção entre educação física e saúde, bem como dos espetáculos circenses. A diferença é que se tornou perceptível uma maior prevalência da associação às práticas esportivas.

Tal preponderância sentia-se até em empreendimentos urbanos. Uma proposta de melhoramentos do Campo de São Cristóvão previu a construção de arquibancadas em torno do oval destinado aos Jogos Olímpicos⁸. Um projeto para a construção de uma Vila Pênsil no Morro de Santo Antônio também contemplou um espaço semelhante⁹.

Essa mudança de enfoque, ao contrário do que se pode imaginar, estava relacionada menos com os Jogos Olímpicos quadrienais organizados pelo COI do que com outros eventos igualmente

6 *Jornal do Brasil*, 8/abr./1896; *Gazeta de Notícias*, 17/mar./1895.

7 Gostaríamos de registrar que Fausto Amaro vem desenvolvendo uma tese de doutorado sobre a repercussão dos Jogos Olímpicos na imprensa carioca. Ver Amaro & Helal, 2015.

8 *O Paiz*, 9/out./1908; *Jornal do Brasil*, 26/jan./1909.

9 *O Paiz*, 21/set./1909.

esportivos. Receberam mais atenção da imprensa, as competições realizadas em Atenas (1906) e Montevideu (1907) do que as de Paris (1900) e Saint Louis (1904)¹⁰. O *Correio da Manhã* teve mesmo um correspondente na Grécia. Publicou, inclusive, fotografias do evento¹¹ (algo feito também por *O Paiz*¹²).

No caso da contenda uruguaia, houve especial interesse em função da participação de atletas brasileiros, supostamente a primeira vez que o país “se representou ao estrangeiro em festas esportivas”¹³.

Foram destacados os *sportmen* nacionais que tiveram êxito em demonstrar “o valor atlético” da nação. Abrahão Saliture (do Club de Natação e Regatas, do Rio de Janeiro) venceu duas provas de natação. Ernesto Corri, Octavio Glovini e Salvador Pastore (do Club Esperia, de São Paulo) foram vitoriosos em páreos de remo. Hermann Friese (do Club Germania, de São Paulo) chegou a ser especialmente reconhecido por quebrar um recorde.

O mesmo se observou em outros eventos esportivos na América do Sul realizados no Congresso Científico Pan-Americano de Santiago (1908), nas festas comemorativas da independência do Paraguai (1909) e na comemoração do centenário da República Argentina (1910). O aumento da participação de atletas brasileiros em competições internacionais gerou novas expectativas, bem como mobilizou de forma mais intensa discursos sobre a nação ao redor da prática.

O primeiro brasileiro a lograr maior destaque no movimento olímpico internacional foi Santos Dumont, que, em 1905, recebeu o diploma de mérito por seus feitos e recordes no âmbito da aviação. Isso, contudo, não trouxe impactos significativos na divulgação dos jogos no Brasil (Neto-Wacker & Wacker, 2012).

O Comitê Olímpico Brasileiro somente foi fundado em 1914. Ainda assim, em função de problemas diversos, se tornou efetivamente ativo apenas em 1935, graças à ação de importantes personagens da sociedade brasileira, tais como Raul do Rio Branco, Arnaldo Guinle, José Ferreira dos Santos e Antônio Prado Júnior (todos, em diferentes momentos, representantes do Brasil no COI) (COB, 2015).

A primeira delegação brasileira a participar dos Jogos Olímpicos (na edição de 1920, Antuérpia) foi enviada pela Confederação Brasileira de Desportos. Contou com a participação de atletas de tiro, natação, salto ornamental, remo e polo aquático. Além das dificuldades de organização e deslocamento, parcos eram os conhecimentos acerca da filosofia e estruturação do Movimento Olímpico. Há que se considerar que, mesmo que o esporte já fosse popular e estivesse se consolidando desde o século XIX, ainda imperava uma certa precariedade no campo, além de persistirem conflitos entre as lideranças.

Os quatro esportes náuticos/aquáticos já estavam mais bem estruturados em função da ação da Federação Brasileira de Sociedades de Remo, uma das pioneiras do país, fundada em 1903, cujas origens remontam ao século XIX (era de certa forma continuidade da União de Regatas Fluminense e do Conselho Superior de Regatas) (Melo, 2001). O destaque, todavia, foi mesmo a participação da delegação de tiro, que conquistou uma medalha de ouro (Guilherme Paraense, no revólver), uma de prata (Afrânio Costa, na pistola) e uma de bronze (pistola por equipe, integrada também por Sebastião Wolf, Dario Barbosa e Fernando Soledade).

O tiro esportivo já estava também mais bem organizado em função da criação do Tiro Nacional, instituição dedicada a promover instruções dessa prática, prioritariamente para militares, mas também para civis. A ideia tinha relação com as necessidades das Forças Armadas, se coadunando com os movimentos de modernização do país, bem como com as preocupações com a defesa nacional.

O primeiro núcleo do Tiro Nacional foi inaugurado em 1899, já promovendo competições da modalidade. A Confederação do Tiro Brasileiro, fundada em 1906, foi inicialmente vinculada ao Ministério da Guerra. Da mesma forma, é relevante registrar a criação, em 1917, do Estande Nacio-

10 Os Jogos de Londres 1908, em comparação com os anteriores, tiveram uma maior cobertura: três matérias antes de seu início (*O Paiz*, 4/jan./1907; *Revista da Semana*, 14/abr./1907; *Correio da Manhã*, 16/abr./1907), duas no decorrer do evento (*Jornal do Brasil*, 17/jul./1908; *Revista da Semana*, 23/ago./1908) e uma ao término (*Jornal do Brasil*, 7/set./1908).

11 *Correio da Manhã*, 17/jun./1906 (suplemento ilustrado); *Correio da Manhã*, 3/jun./1906 (suplemento ilustrado); *Correio da Manhã*, 24/jun./1906 (suplemento ilustrado).

12 *O Paiz*, 10/jun./1906, p. 9.

13 *Gazeta de Notícias*, 27-28/fev./1907, p. 2.



Desembarque de Guilherme Paraense, campeão mundial de revólver, e de Afrânio Costa, segundo lugar na prova de pistola, de volta dos Jogos de Antuérpia.
Fonte: *O Malho*, 6/11/1920

nal de Tiro, exatamente no bairro do Rio de Janeiro no qual se localizavam importantes quartéis, a Vila Militar. O esporte se cruzava com a trajetória de uma importante instituição do país, o Exército.

Os cronistas narraram com euforia as conquistas dos atiradores brasileiros. Para um deles, um dos seus maiores méritos foi “tão alto souberam colocar o nome do Brasil”¹⁴. Segundo seu olhar, a sensacional *performance* teria surpreendido a todos, já que a equipe nacional era pouco conhecida e dispunha de poucos recursos. Ter-se-ia mesmo desencadeado uma onda de curiosidade acerca de nosso país. Ao final, arremata: “Honra ao Brasil”.

Para ele, os bons resultados eram uma prova de que, além de o país levar a sério a instrução militar, o brasileiro enfrentava com garbo suas dificuldades, exibindo virtudes como “firmeza, acuidade e resistência orgânicas”, o que lhe permitia superar “com vantagem o confronto com os povos mais fortes do mundo”¹⁵.

O empolgado cronista não tinha dúvidas de que as conquistas de Antuérpia valeram “mais para o conhecimento do nome brasileiro e pro-

paganda do nosso país do que muitas e custosas representações diplomáticas”.

Guilherme Paraense e Afrânio Costa foram alçados ao patamar de heróis nacionais. No seu retorno ao país, foram recepcionados por autoridades e grande público, inclusive uma comissão da Liga Suburbana de Futebol, da qual o primeiro era presidente¹⁶. Muitas foram as condecorações e homenagens que receberam. Uma cerimônia promovida pela Liga de Defesa Nacional chegou a contar com a presença do presidente da República.

Os heróis-atiradores também foram agraciados com estímulos pecuniários. Epitácio Pessoa concedeu ao Ministério da Guerra (dirigido por João Pandiá Calogeras) 23:000\$000 para premiação da equipe de tiro, especialmente ao “1º tenente Guilherme Paraense, campeão mundial de revólver na Olimpíada de 1920” (Brasil, 1921).

Um desdobramento desses bons resultados foi gerar um primeiro momento de maior divulgação dos Jogos Olímpicos no Brasil, exponenciando uma motivação que já existia ao redor da participação nacional em competições internacionais. Os esportes e as representações da nação definitivamente foram relacionados às

14 *O Malho*, 14/ago./1920, p. 19.

15 *O Malho*, 14/ago./1920, p. 25.

16 *Sport Ilustrado*, 20/ago./1920, p. 18.



Charge celebrando a vitória dos atiradores brasileiros nos Jogos de Antuérpia 1920.
Fonte: *O Malho*, 14/8/1920

necessidades tanto de internamente consolidar a comunidade imaginada quanto de difundir no exterior uma boa imagem do país.

PRIMEIRO EVENTO

O ano foi dos mais agitados na história brasileira. Em 1922, foi fundado o Partido Comunista, a eleição presidencial foi marcada por muitos conflitos, surgiram os primeiros impulsos do tenentismo, foi realizada a Semana de Arte Moderna. As alianças que marcaram a Primeira República começavam a dar sinais de desgaste e a ser mais claramente contestadas.

Em meio a esse clima, o governo brasileiro – com algum atraso e atropelo – preparou uma série de atividades para celebrar o centenário da Independência. Mesmo com tamanha tensão – e até mesmo por isso –, teve como intuito projetar internacional e nacionalmente a ideia de que o Brasil era um país pacífico, ordeiro, unido e moderno (Motta, 1992).

A principal atividade das celebrações foi uma expressão dessa intencionalidade: uma Exposição Internacional, um tipo de evento que, desde o século XIX, se tornara comum, concebido como estratégia de exaltação da ideia de

nação e de exibição de vinculação ao ideário moderno (Pesavento, 1997).

Não surpreende, assim, que parte das comemorações tenha se dado com a organização de eventos daquela prática que, desde o século XIX, vinha se constituindo e sendo apresentada como sinal de progresso: o esporte. As competições ocuparam um lugar de destaque nas celebrações de 1922, fartamente divulgadas pela imprensa e mobilizadas em discursos que exaltavam uma nação para a qual se pretendia forjar uma identidade que apontasse para o que havia de mais “civilizado” (Santos, Drumond & Melo, 2012).

Foram promovidos três tipos de eventos esportivos: campeonatos internacionais de algumas modalidades – com destaque para o sul-americano de futebol –, jogos internacionais de militares e os jogos atléticos latino-americanos, também conhecidos como Jogos Olímpicos Latino-Americanos. Pela primeira vez se tornava plausível à população, que acompanhou com avidez todas as contendas (foram o maior sucesso de público das comemorações de 1922), poder acompanhar mais amiúde o que era proposto pelo Movimento Olímpico.

Não se deve, contudo, crer que foi um mar de rosas a relação entre o COI e os responsáveis pela organização do evento brasileiro. É fato, como vi-



Seleções chilena e argentina de polo aquático;
no centro, Jorge Mattos, campeão brasileiro de natação.

Fonte: *O Malho*, 23/9/1922

mos, que Coubertin estava atento à necessidade de espraiar mundialmente o olimpismo. Todavia, suspeitava da capacidade de o Brasil promover algo similar aos Jogos Olímpicos.

Coubertin foi convencido de tal possibilidade por Elwood Brown, dirigente da Associação Cristã de Moços, que, com o francês, já possuía uma aliança de difusão dos princípios esportivos (Torres, 2012)¹⁷. Brown também se empenhou em sugerir às autoridades brasileiras de que a iniciativa era plausível e seria um grande contributo tanto para o Movimento Olímpico quanto para a imagem internacional do país.

A despeito do entusiasmo de ambas as partes, os problemas foram muitos. Sentindo os efeitos de uma crise econômica, o governo brasileiro reduziu e demorou a passar recursos para a organização do evento. A inexperiência na promoção de competições desse porte foi mais um fator dificultador. Além disso, o tenso clima da política nacional, aliado aos problemas do campo esportivo, se fez refletir nos confrontos de interesses entre as lideranças envolvidas. Por pouco, os jogos não foram cancelados.

Ainda assim, os Jogos Latino-Americanos, realizados entre agosto e outubro, foram um sucesso, mesmo que não se possa afirmar que os

assistentes os tenham desfrutado, entendendo que faziam parte do Movimento Olímpico ou que tinham relação com certos princípios do olimpismo. O esporte já era apreciado por um grande público, que viu no evento mais uma forma de celebrar esse envolvimento.

Algumas instalações construídas para os jogos tornaram-se um patrimônio esportivo para a cidade. Todavia, nem sempre foram de uso amplo e irrestrito, além de terem custado mais do que deveriam em função dos atropelos na organização. Da mesma forma, os jogos foram, sim, importantes, a despeito dos problemas, para o Movimento Olímpico Internacional e sem dúvida trouxeram alguma projeção à imagem do país. Todavia, também deixaram claras as deficiências nacionais.

Eventos dessa natureza, de fato, são uma faca de dois gumes. Assim como a mobilização das imagens esportivas para os interesses da nação, a trajetória dos Jogos Olímpicos mostra que podem trazer contribuições, mas também ser nocivos às cidades nos quais são sediados. Há tensões que são recorrentes, especialmente aquelas ligadas aos investimentos necessários e ao modo de organização.

Pensando os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro 2016, certamente devemos ter aprendido com a história de 1922 e com a experiência de outros países. Ou não?

17 Para mais informações, ver também: Santos & Melo (2012).

BIBLIOGRAFIA

- AMARO, Fausto, HELAL, Ronaldo. "Circo, Teatro, Cinema e Esporte: Os Jogos Olímpicos na Mídia Impressa Carioca de 1890 a 1910", in *Líbero*, v. 18, n. 36. São Paulo, jul.-dez./2015, pp. 55-64.
- BOURDIEU, Pierre. "Como É Possível Ser Esportivo?", in *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983, pp.136-63.
- BRASIL. Decreto n. 15160, de 7 de dezembro de 1921.
- BROWN, Douglas A. "Pierre de Coubertin's Olympic Exploration of Modernism, 1894-1914: Aesthetics, Ideology and the Spectacle", in *Research Quarterly for Exercise and Sport*, v. 67, n. 2, jun./1996, pp. 121-35.
- CANTARELLA, Eva. *El Peso de Roma en la Cultura Europea*. Madrid, Akal, 1996.
- COB. *Comitê Olímpico do Brasil 100 anos*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2015.
- GONDRA, José G. *Artes de Civilizar: Medicina, Higiene e Educação Escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2004.
- HOBERMAN, John. "Toward a Theory of Olympic Internationalism", in *Journal of Sport history*, v. 22, n. 1, 1995.
- MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria. *Gymnastica no Tempo do Império*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2014.
- _____. "O Corpo da Nação: Posicionamentos Governamentais sobre a Educação Física no Brasil Monárquico", in *História, Ciências, Saúde*, v. 21, n. 4. Rio de Janeiro, dez./2014, pp. 1.131-49.
- _____. "Relações entre Ginástica e Saúde no Rio de Janeiro do Século XIX: Reflexões a partir do Colégio Abílio (1872-1888)". *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, 2015 (no prelo).
- _____. *Cidade Sportiva: Primórdios do Esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Relume Dumará/Faperj, 2001.
- _____. "De Olímpia (776 a.C) a Atenas (1896) a Atenas (2004): Problematizando a Presença da Antiguidade Clássica nos Discursos Contemporâneos sobre o Esporte", in *Phoenix*, n. 13. Rio de Janeiro, 2007, pp. 350-76.
- MOTTA, Marly Silva da. *A Nação Faz Cem Anos: a Questão Nacional no Centenário da Independência*. Rio de Janeiro, Editora FGV/CPDOC, 1992.
- NETO-WACKER, Marcia De Francesci; WACKER, Christian. *O Brasil Torna-se Olímpico*. Manaus, CBAAt, 2012.
- PESAVENTO, Sandra Jatthy. *Exposições Universais: Espetáculos da Modernidade do Século XIX*. São Paulo, Hucitec, 1997.
- SANTOS, João M. C. M.; MELO, Victor Andrade (orgs.). *1922: Comemorações Esportivas do Centenário*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2012.
- SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia dos; DRUMOND, Mauricio; MELO, Victor Andrade de. "Celebrando a Nação nos Gramados: o Campeonato Sul-Americano de Futebol de 1922. *História: Questões & Debates*, n. 57. Curitiba, jul.-dez./2012, pp. 151-74.
- SCHETINO, André. *Pedalando na Modernidade: A Bicicleta e o Ciclismo na Transição dos Séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro, Apicuri, 2008.
- TORRES, César. *Jogos Olímpicos Latino-Americanos: Rio de Janeiro – 1922*. Manaus, Confederação Brasileira de Atletismo, 2012.
- WEBER, Eugen. *França Fin-de-Siècle*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.